



Carta Macro Mensal

Abril 2026



Sumário Executivo

O cenário global tornou-se mais complexo ao longo do último mês, com a escalada do conflito no Oriente Médio adicionando um novo choque de energia a um ambiente já marcado por inflação persistente e maiores incertezas para a condução da política econômica. Nos Estados Unidos, a atividade segue resiliente, sustentada pelo consumo e por um mercado de trabalho ainda resiliente apesar de pouco dinâmico. **Sinais recentes na indústria e o aumento de custos indicam um ambiente típico de choque de oferta**, com implicações estagflacionárias. Nesse contexto, **o Federal Reserve tem reforçado uma postura cautelosa e dependente dos dados**, diante de uma inflação ainda acima da meta e riscos crescentes associados à persistência do choque energético.

Na Área do Euro, a economia continua em expansão moderada, mas com sinais crescentes de fragilidade. A atividade segue positiva, embora sem aceleração relevante, enquanto o **choque de energia já começa a pressionar os custos industriais e a inflação cheia. Por ora, o núcleo permanece relativamente comportado, o que sustenta uma postura de espera por parte do Banco Central Europeu.** Ainda assim, a elevada dependência energética da região aumenta a sensibilidade a choques adicionais, elevando o risco de efeitos de segunda ordem sobre inflação e atividade.

Na China, os dados recentes indicam uma melhora cíclica no início do ano, impulsionada por exportações e produção industrial, mas o quadro estrutural permanece desafiador. O crescimento segue desbalanceado, com consumo ainda fraco, mercado de trabalho em deterioração e setor imobiliário pressionado. Ao mesmo tempo, a definição de uma meta de crescimento mais baixa reforça a estratégia de acomodação gradual da economia, mantendo a dependência de exportações e investimento industrial como principais vetores de expansão.

No Brasil, os dados de atividade surpreendem positivamente no início de 2026, sustentados por um mercado de trabalho resiliente, crescimento real dos salários e sinais de recuperação na indústria. Em contrapartida, a inflação voltou a surpreender para cima, com aceleração dos núcleos e pressões relevantes em serviços e alimentos, além de riscos adicionais associados ao repasse do choque de energia. Esse ambiente já se reflete nas expectativas, que voltaram a subir de forma relevante nas últimas semanas.

Nesse contexto, o cenário para a política monetária tornou-se mais desafiador. Embora o Banco Central mantenha a avaliação de que a política se encontra em território restritivo e que o processo de transmissão avança, o aumento da incerteza externa, a resiliência da atividade e a deterioração das expectativas reforçam a necessidade de cautela. Nosso cenário base segue contemplando a continuidade do processo de calibragem, com **um corte de 25 pontos-base na reunião de abril, condicionado à estabilidade do ambiente externo.** Ainda assim, o ciclo deverá permanecer gradual e assimétrico, com manutenção de postura contracionista ao longo do processo e riscos crescentes de limitação adicional do espaço para flexibilização ao longo de 2026.

Estados Unidos: Resiliência com viés estagflacionário

A economia americana segue demonstrando **resiliência** no início de 2026, mas o ambiente macro tornou-se significativamente mais **complexo** ao longo do último mês. O choque geopolítico no Oriente Médio – com

impactos relevantes sobre **energia, cadeias logísticas e confiança** – adicionou uma nova camada de incerteza a um cenário já marcado por política comercial mais protecionista, restrições à imigração e inflação ainda acima da meta.

Do ponto de vista da **atividade**, os dados seguem sólidos. O **consumo** apresentou recuperação robusta em fevereiro, com vendas no varejo mostrando crescimento disseminado entre categorias e núcleo forte, sugerindo que a demanda doméstica entrou no ano com bom momentum. As famílias também foram beneficiadas pelo aumento nas **restituições de imposto de renda** (cerca de US\$ 1 mil a mais por família, em média, em relação a 2025), com a implementação dos cortes de impostos aprovados no ano passado. Ainda assim, trata-se de um dado **pré-choque de energia**, servindo como baseline da economia antes do novo choque.

Na **indústria**, o ISM de março mostrou **expansão mais firme da produção**, mas com **deterioração relevante na composição**. A desaceleração de novos pedidos, combinada com **forte aumento de custos** (preços pagos no maior nível desde 2022) e **piora nos prazos de entrega**, aponta para um ambiente típico de **choque de oferta**, com impactos em direções opostas sobre inflação e atividade.

O **mercado de trabalho**, por sua vez, segue em um regime cada vez mais claro de **“low hiring / low firing”**. Os pedidos de seguro-desemprego continuam baixos, indicando **ausência de demissões relevantes**, enquanto outros indicadores mostram **contratações com pouco dinamismo**, reforçando a ideia de um mercado com **baixa rotatividade**. Nesse contexto, ganha relevância a leitura do Fed de que o **crescimento de empregos compatível com estabilidade da taxa de desemprego** pode estar **próximo a zero**, dado o arrefecimento do crescimento da força de trabalho (restrições à imigração e demografia). Isso implica em um equilíbrio **mais frágil e sensível a choques adversos**.

No front **inflacionário**, o choque de energia já começa a se refletir no preço da gasolina e nas expectativas. Indicadores de confiança mostram **elevação das expectativas de inflação de curto prazo**, enquanto o **aumento de custos** reportado pelas empresas sugere **risco crescente de repasse**, especialmente se o choque persistir. Ainda assim, expectativas de longo prazo permanecem **ancoradas**, sustentando, por ora, a estratégia de cautela do Fed.

Esse ambiente é reforçado por um pano de fundo de maior incerteza na condução da política econômica. A política comercial segue mais protecionista, com manutenção prática do regime tarifário implementado ao longo de 2025. Há evidências de que o custo das tarifas continua recaindo majoritariamente sobre consumidores e empresas americanas, explicando entre **0,5 e 0,8pp da inflação do núcleo do PCE**, atualmente em torno de 3% em 12 meses.

Diante desse quadro, o **banco central** tem reforçado uma postura de **cautela, paciência e dependência dos dados**. A comunicação recente indica um Comitê menos dividido do que no início do ano e com convergência em torno de um **“wait-and-see approach”**, reconhecendo que choques de oferta tornam a função de reação mais complexa e exigem monitoramento cuidadoso das expectativas de inflação.

A **guerra no Oriente Médio** adiciona um elemento crítico a esse debate. **Choques de energia** tendem a ser **estagflacionários**, elevando a inflação rapidamente enquanto comprimem a renda real e, portanto, o consumo. O ponto central passa a ser a **persistência do choque**: movimentos temporários tendem a ser “looked through”, mas episódios mais duradouros podem contaminar as expectativas e exigir resposta mais firme da política monetária nos EUA.

Nesse contexto, trabalhamos com um framework de três cenários para a economia americana:

- **Cenário benigno (20%):** queda do petróleo e retomada da desinflação em 2S26;
- **Cenário base (55%):** petróleo elevado por mais tempo, crescimento mais lento e inflação mais persistente;
- **Cenário adverso (25%):** choque mais intenso de energia levando à destruição de demanda e deterioração mais clara da atividade e do mercado de trabalho.

A leitura probabilística aponta para um cenário intermediário, no qual a economia desacelera, mas não entra em recessão, enquanto a inflação se torna mais persistente. Isso tende a manter o Fed em **pausa por mais tempo**, com **redução significativa da probabilidade de cortes em 2026**.

Para monitorar: persistência do choque de petróleo, evolução das expectativas de inflação e dinâmica do mercado de trabalho (especialmente contratações).

Gráfico 1: ISM Manufatura – Z-score desde 2011

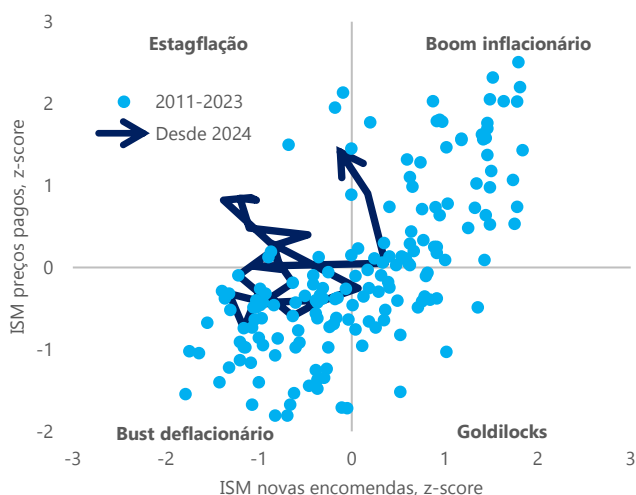
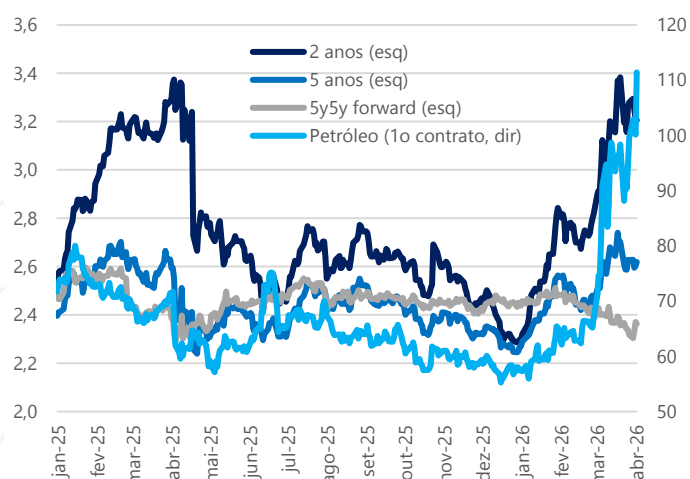


Gráfico 2: Expectativas de Inflação (a/a)



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Galapagos Capital.

Área do Euro: Crescimento frágil sob choque de energia

A economia da Área do Euro mantém uma trajetória de **crescimento modesto**, mas com sinais crescentes de fragilidade diante do choque energético global.

Os indicadores de atividade mostram que a região segue em expansão, com o PMI de manufatura atingindo o maior nível desde 2022. No entanto, a leitura qualitativa é menos construtiva: o avanço reflete, em parte, efeitos técnicos ligados ao alongamento dos **prazos de entrega**, enquanto a demanda permanece apenas moderada.

Assim como nos Estados Unidos, o principal destaque do mês foi o **forte choque de custos**. A indústria europeia reportou **aceleração relevante da inflação de insumos**, impulsionada por **energia, transporte e disrupções logísticas**. Ao mesmo tempo, os prazos de entrega se alongaram significativamente, atingindo os níveis mais elevados em vários anos e reforçando o caráter de choque de oferta.

A **inflação** já começou a refletir esse movimento. A prévia de março mostrou **forte aceleração do índice cheio**, puxada quase integralmente por energia, enquanto o núcleo surpreendeu para baixo, indicando que os efeitos de segunda ordem ainda são limitados. Trata-se de uma dinâmica típica dos impactos iniciais de um choque de oferta: **inflação cheia pressionada, com núcleo ainda bem-comportado**.

No entanto, o risco à frente é claro. A **Europa é particularmente sensível a choques energéticos**, dada sua dependência de **importações de gás, petróleo e derivados**. O atual contexto, combinado com níveis de estoques relativamente baixos e cadeias logísticas tensionadas, eleva o risco de **efeitos de segunda ordem sobre serviços, salários e expectativas**.

Além disso, o ambiente de incerteza geopolítica tem afetado a confiança e o comportamento das empresas. Relatos qualitativos indicam empresas operando em modo defensivo, com **pressão sobre margens, postergação de investimentos e redução de contratações**.

Apesar disso, a ausência de pressão mais clara no núcleo sustenta uma postura cautelosa por parte do **Banco Central Europeu (BCE)**, com viés de **"wait-and-see"** no curto prazo. A leitura predominante é de que **choques de energia temporários podem ser "looked through"**, mas **episódios mais persistentes exigiriam resposta mais ativa de política monetária**.

Para monitorar: repasse do choque de energia para o núcleo de inflação, dinâmica de salários e impacto do choque de petróleo sobre a atividade doméstica.

Gráfico 3: Área do Euro - Inflação (% a/a)

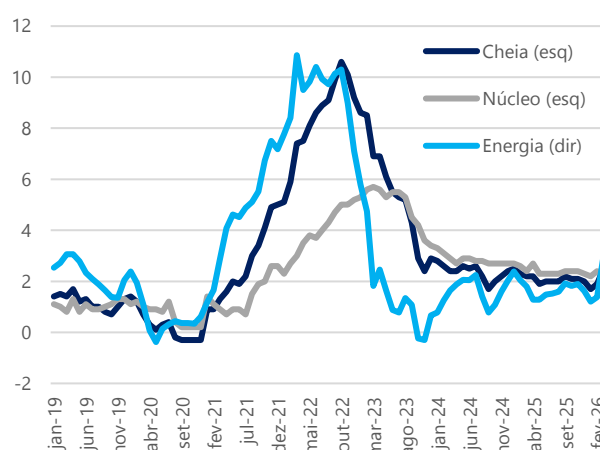
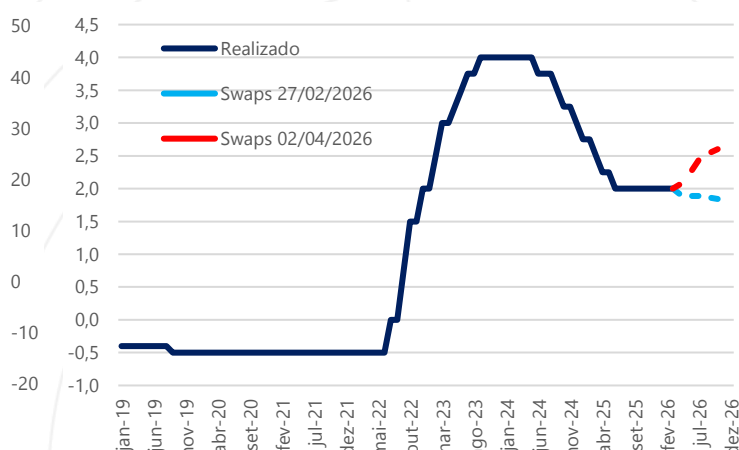


Gráfico 4: Expectativas de Inflação (a/a)



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Galapagos Capital

China: Melhora cíclica com crescimento ainda desequilibrado

A economia chinesa começou 2026 com desempenho melhor do que o esperado, sustentado principalmente por **impulso externo e indústria mais forte**, mas o quadro subjacente permanece heterogêneo e estruturalmente frágil. Os dados de janeiro e fevereiro indicam uma recuperação cíclica, impulsionada por **exportações muito robustas (beneficiadas pelo ciclo global de tecnologia/IA)** e aceleração da **produção industrial**, enquanto o suporte fiscal antecipado via subsídios ao consumo e aceleração de investimentos públicos também contribuíram para a melhora da atividade.

Apesar desse início de ano mais forte, a composição do crescimento segue desbalanceada. O **consumo das famílias** apresentou alguma recuperação, mas ainda em níveis historicamente baixos e dependente de estímulos pontuais, enquanto o **mercado de trabalho** mostrou deterioração adicional, com aumento da taxa de desemprego. Ao mesmo tempo, o **setor imobiliário** permanece como o principal vetor negativo, com contração expressiva em vendas, investimentos e novos lançamentos, ainda sem sinais claros de estabilização.

Do ponto de vista prospectivo, o **balanço de riscos** tornou-se **mais equilibrado**. Por um lado, a força das exportações, que já contribuíram de forma relevante para o crescimento em 2025, pode gerar surpresas positivas adicionais via produção industrial. Por outro, persistem limitações importantes à recuperação doméstica, incluindo um mercado de trabalho mais fraco, confiança deprimida, efeito riqueza negativo do setor imobiliário e menor intensidade dos estímulos ao consumo em 2026.

O **choque global de energia** adiciona uma nova camada de complexidade a esse cenário. Ainda que a China seja relativamente menos vulnerável do que outras economias, dado seu mix energético mais diversificado, preços mais altos de petróleo e derivados já começam a pressionar custos industriais e margens, com impactos potenciais sobre a atividade à frente. Estimativas sugerem que um **choque prolongado de petróleo poderia reduzir o crescimento em torno de 0,2pp**, mantendo o viés de desaceleração da economia.

Nesse contexto, a estratégia de política econômica segue calibrada. A definição de uma meta de crescimento mais baixa (de 4,5% a 5,0%) para 2026 sinaliza um ajuste deliberado das expectativas, enquanto o foco permanece em indústria, tecnologia e investimento público, sem um pivot mais forte para estímulos ao consumo. O resultado é um **modelo de crescimento** que permanece fortemente dependente de **exportações e produção industrial**, com recuperação doméstica ainda incerta.

Para monitorar: exportações e setor imobiliário, impacto do choque de energia global e desdobramentos nas relações EUA-China (summit Trump-Xi postergado para 14-15/maio).

Brasil: Atividade resiliente e expectativas de inflação em processo de deterioração.

Na atividade econômica, **os dados de fevereiro têm apontado para uma atividade forte no 1T26**. Em primeiro lugar, **embora a pesquisa PNAD tenha mostrado um leve aumento da taxa de desemprego (com ajuste sazonal) de 5,4% para 5,5%, o emprego permaneceu estável no mês** (com ajuste sazonal), **ao mesmo tempo em que avançou 1,5% na comparação anual**. Além disso, os **salários continuaram acelerando**, com os rendimentos nominais habitual e efetivo crescendo 9,6% a/a e 8,7% a/a, respectivamente, enquanto os rendimentos reais registraram altas de 5,3% a/a e 4,2% a/a, respectivamente. Esse resultado reflete tanto as condições ainda apertadas do mercado de trabalho quanto os reajustes salariais definidos em acordos e convenções coletivas.

Adicionalmente, **o CAGED de fevereiro reportou criação líquida de mais de 250 mil vagas, equivalente a 112,3 mil postos com ajuste sazonal**. A média móvel de três meses aumentou, passando de uma criação líquida dessazonalizada de 49,3 mil para 58,7 mil vagas em fevereiro. Além disso, **os salários médios nominais de admissão e desligamento, na comparação interanual, avançaram 6,2% a/a e 6,3% a/a, respectivamente**. Enquanto isso, **os salários reais médios de admissão e desligamento cresceram 2,8% a/a e 2,9% a/a, respectivamente**.

Por fim, a **Pesquisa Industrial Mensal (PIM)** registrou alta de **0,9% m/m** e queda de **0,7% a/a**, acima do **consenso Bloomberg de 0,8% m/m** e **-1,0% a/a** e da **nossa expectativa de 0,8% m/m** e **-1,2% a/a**. Houve forte revisão para cima do dado de janeiro, passando de 1,8% m/m para 2,1% m/m. Na abertura, **os dados mensais mostram que o crescimento foi disseminado**, com destaque para “Bens de capital” (2,3% m/m). Além disso, para o 1Tri26, **o carregamento estatístico ficou positivo em 1,3%** (versus 0,7% anteriormente) e **apresentou melhora em praticamente todas as categorias**. Na variação anual, houve contração na maioria das categorias, com destaque negativo para “Bens de capital” (-13,5% a/a) e “Bens de consumo duráveis” (-9,3% a/a). Entretanto, essa queda foi parcialmente compensada pelo forte crescimento das “Indústrias extrativas” (10,2% a/a). Por fim, embora a decomposição anual entre cíclicos e não cíclicos ainda aponte para a continuidade da trajetória de queda dos cíclicos, **a leitura na margem traz uma mensagem diferente, já que a média móvel trimestral de ambos os segmentos vem apresentando crescimento desde o final de 2025**.

Na inflação, os dados seguem surpreendendo para cima. Em fevereiro, o IPCA superou as expectativas do mercado, mesmo após a incorporação da surpresa do IPCA-15, ao registrar alta de 0,7% m/m e 3,81% a/a, com grande contribuição da alimentação no domicílio para o resultado acima do esperado.

No IPCA-15 de março, o quadro não foi diferente: a inflação foi de 0,44% m/m e 3,90% a/a e ficou acima de todas as expectativas registradas na Bloomberg. A surpresa veio, em grande parte, das passagens aéreas, que subiram 5,94% m/m (24,8% a/a), e da alimentação no domicílio, cuja alta de 1,10% m/m respondeu por parcela relevante do desvio em relação ao esperado. Assim, embora a abertura tenha mostrado contribuição importante de itens mais voláteis, o resultado qualitativo foi menos benigno. **A média dos núcleos em termos anualizados e dessazonalizados de três meses voltou a acelerar, de 3,8% em fevereiro para 4,3% em março, sinalizando pressão inflacionária subjacente ainda elevada**.

Para as próximas divulgações, a expectativa é de que comecem a aparecer os efeitos das pressões geradas pelo conflito no Oriente Médio, principalmente via combustíveis. Os dados de coleta da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) já mostram aumento dos preços da gasolina e do diesel ao consumidor, movimento que ainda não foi refletido no IPCA. Os alimentos também seguem no radar, diante das pressões de custos para os produtores via frete e fertilizantes, além da previsão de início do El Niño no segundo semestre, que pode gerar pressão adicional neste e no início do próximo ano.

Os efeitos desses vetores já vêm aparecendo nas projeções do mercado, com a alta das expectativas apuradas pela pesquisa Focus nas últimas semanas. Antes do início dos conflitos, a mediana das expectativas apontava para inflação de 3,9% a/a em 2026; na última divulgação, subiu para 4,36% (com indicadores mais restritos ainda mais elevados). **Diante desse quadro, ajustamos o nosso cenário-base para incorporar os choques recentes e agora passamos a esperar inflação de 4,50% ao final deste ano**.

Nesse contexto, o quadro tem se tornado mais desafiador para o ciclo de calibragem da política monetária. Dito isso, o Relatório de Política Monetária do 1º trimestre de 2026, divulgado há poucas semanas, não alterou a mensagem do Copom: **a autoridade monetária manteve a avaliação de que a política monetária já produz efeitos mais claros sobre a atividade e a inflação**, ao mesmo tempo em que reconhece uma deterioração do ambiente externo, marcada pelo aumento da incerteza associado ao conflito no Oriente Médio. No cenário doméstico, **o relatório reforçou a narrativa de desaceleração em curso da economia, buscando minimizar sinais de aceleração no início de 2026**. Ainda assim, a revisão para cima do crescimento do crédito e a manutenção de um hiato do produto positivo indicam que a economia segue resiliente. As projeções de

inflação do relatório **permaneceram relativamente comportadas no horizonte relevante, embora as estimativas de curto prazo, como o IPCA de março, subestimem a dinâmica corrente**, dada nossa estimativa do choque de energia que deve se materializar, além de um ambiente ainda pressionado por serviços e mercado de trabalho apertado.

As comunicações mais recentes do Banco Central mantiveram um tom geral “dovish”, confirmando a opção por manter o ciclo de calibragem da política monetária, apesar de sinais de cautela terem surgido nos discursos. Em evento no início do dia 8 de abril, o Diretor de Política Monetária, **Nilton David, reforçou que a autoridade monetária enxerga hoje uma posição mais confortável do que há seis meses, com maior “gordura” acumulada após os efeitos já observados da política monetária. Ao mesmo tempo, foi enfático ao destacar o elevado grau de incerteza do cenário externo**, afirmando não estar convencido de que o choque associado ao conflito no Irã tenha se dissipado. Nesse contexto, **reiterou duas convicções centrais: a de que a política monetária funciona e a de que o juro neutro não se deslocou de forma relevante.** A implicação direta é que o processo em curso deve ser entendido como uma “calibração” de uma política ainda restritiva, e não como um afrouxamento propriamente dito. **A fala também trouxe elementos importantes, como o reconhecimento de um mercado de trabalho ainda apertado, a persistência da inflação de serviços e o risco de efeitos de segunda ordem, além de alertas sobre possível não linearidade no canal de crédito.**

Na mesma direção, declarações do início de abril do Presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, sugerem um tom ligeiramente mais cauteloso na margem. Ao enfatizar a sucessão de choques de oferta — pandemia, guerra, tarifas e agora o conflito com o Irã —, **Galípolo destacou que o ambiente atual não permite atribuição clara de probabilidades aos cenários, reforçando a necessidade de uma condução da política monetária baseada em gestão de riscos.** Nesse contexto, **disse que os bancos centrais têm demonstrado menor disposição para “look through” choques inflacionários, priorizando a prevenção de efeitos de segunda ordem e a preservação da credibilidade.** Além disso, a nosso ver, a combinação de expectativas ainda desancoradas e mercado de trabalho apertado reforça essa postura mais conservadora, limitando o espaço para uma flexibilização mais rápida.

Dessa forma, a mensagem que emerge do conjunto de comunicações permanece consistente: **o Banco Central reconhece que avançou no processo de transmissão da política monetária e que dispõe hoje de maior margem de manobra**, mas continua operando em um ambiente de elevada incerteza, especialmente no front externo. Nesse contexto, **a estratégia segue sendo de calibragem gradual, com manutenção de uma postura contracionista ao longo do processo.**

Assim, **nosso cenário base permanece de continuidade do ciclo de flexibilização iniciado recentemente, com um corte de 25 pontos-base na reunião de abril, condicionado à ausência de deterioração relevante do ambiente externo, do câmbio ou das expectativas.** Ao mesmo tempo, o tom das comunicações recentes reforça que o ciclo deverá ser conduzido de forma cautelosa e assimétrica, com uma barra elevada para aceleração do ritmo de cortes e foco crescente na gestão dos riscos inflacionários. **Em nosso cenário, a Selic encerraria 2026 em 13% a.a. Vale notar que, se na reunião de abril se materializar um corte de 25pb, essa projeção de fim de ano provavelmente implicaria uma aceleração de ritmo à frente, revelando riscos altistas no atual contexto.**

Para monitorar: evolução da inflação, sinais de desaceleração da atividade e impactos do conflito no Oriente Médio.

Gráfico 5: Pesquisa Focus – Expectativas de Inflação

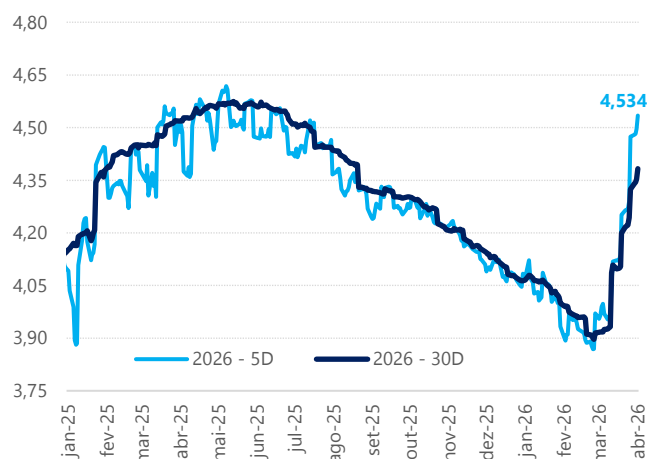
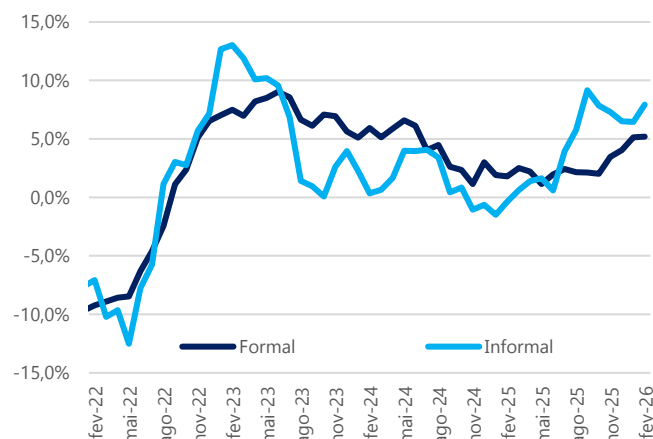


Gráfico 6: Rendimento Médio Mensal Real (a/a)



Fonte: IBGE. Elaboração: Galapagos Capital.

Tabela 1: Indicadores Financeiros (março de 2026)

| Março 2026 | | | | | | | | | | |
|------------|-------------------|-----------------|--------------------|------------------------------|-------------------------------|-------------------------|--------------|--|--|--|
| Índice | S&P 500 | Nasdaq | Bovespa | FTSE 100 | Down Jones Industrial Average | Mexico IPC | Hang Seng | MSCI - Europa, Austrália & Extremo Oriente | Barclays Capital U.S. Corporate High Yield | Barclays Capital U.S. Aggregate Bond Index |
| | 6.528,52 | 23.740,19 | 46.341,51 | 24.788,14 | 10.176,45 | 187.461,84 | 68.610,72 | 1.397,20 | 2.900,04 | 2.347,75 |
| | -5,09% | -4,89% | -5,38% | -6,92% | -6,73% | -0,70% | -3,91% | -13,26% | -1,18% | -1,76% |
| γ | Dólar Australiano | Real Brasileiro | Libra Esterlina | Dólar Canadense | Euro | Iene Japonês | Franco Suiço | | | |
| | 0,69 | 5,18 | 1,32 | 1,39 | 1,16 | 158,72 | 0,80 | | | |
| | -3,06% | 1,08% | -1,89% | 2,02% | -2,19% | 1,71% | 3,93% | | | |
| os | LIBOR de 1 mês | SOFR | T-bill EUA 3 meses | Título do Tesouro EUA 10anos | Bond Alemão 10 anos | Taxa de juros do Brasil | | | | |
| | 4,96 | 3,66 | 3,67 | 4,32 | 3,00 | 14,65 | | | | |
| | 0,00% | -0,07% | 0,43% | 9,59% | 13,66% | -1,68% | | | | |
| IES | BCOM | Ouro | Petróleo | Ferro | | | | | | |
| | 135,25 | 4668,06 | 101,38 | 789,00 | | | | | | |
| | 11,15% | -11,57% | 51,27% | 8,16% | | | | | | |

Fonte: Bloomberg. Elaboração: Galapagos Capital.

Eventos Relevantes de 2026

Janeiro

21/01 Audiência da diretora do Fed Lisa Cook
28/01 Reunião do FOMC para decisão de juros
Resultado = manutenção em 3,5%-3,75% a.a..
28/01 Reunião do Copom para decisão de juros
Resultado = manutenção em 15% a.a.
31/01 Fim do financiamento temporário de gastos nos EUA

Fevereiro

05/02 Reunião do BCE para decisão de juros
Resultado = manutenção das taxas

Março

08/03 Eleições Legislativas na Colômbia
18/03 Reunião do FOMC para decisão de juros
18/03 Reunião do Copom para decisão de juros
Expectativa = redução de 50bp para 14,5% a.a.
19/03 Reunião do BCE para decisão de juros
23/03 Relatório Bimestral de Receitas e Despesas

Abril

02/04 Primeiro Turno das Eleições Presidenciais e Eleições Legislativas no Peru
04/04 Prazo final para filiação partidária, mudança de domicílio eleitoral e para presidente, governadores e prefeitos saírem dos cargos para concorrer a outras funções
29/04 Reunião do FOMC para decisão de juros
29/04 Reunião do Copom para decisão de juros
30/04 Reunião do BCE para decisão de juros

Mai

01/05 Troca dos presidentes de Feds regionais que votam nas decisões de juros
15/05 Posse do novo presidente do Fed
22/05 Relatório Bimestral de Receitas e Despesas
31/05 Primeiro Turno das Eleições Presidenciais na Colômbia

Junho

07/06 Segundo Turno das Eleições Presidenciais no Peru.
11/06 Reunião do BCE para decisão de juros
17/06 Reunião do FOMC para decisão de juros
17/06 Reunião do Copom para decisão de juros
21/06 Segundo Turno das Eleições Presidenciais na Colômbia
Expectativa do fim do julgamento das tarifas de importação dos EUA

Julho

20/07 Início do período destinado às convenções partidárias e à definição de candidaturas para a eleição
20/07 Início do prazo para protocolar os pedidos de registro de candidatura na Justiça Eleitoral
22/07 Relatório Bimestral de Receitas e Despesas
23/07 Reunião do BCE para decisão de juros
29/07 Reunião do FOMC para decisão de juros

Agosto

05/08 Fim do período destinado às convenções partidárias e à definição de candidaturas para a eleição
05/08 Reunião do Copom para decisão de juros
15/08 Fim do prazo para protocolar os pedidos de registro de candidatura na Justiça Eleitoral
16/08 Início da propaganda eleitoral

Setembro

10/09 Reunião do BCE para decisão de juros
16/09 Reunião do FOMC para decisão de juros
16/09 Reunião do Copom para decisão de juros
22/09 Relatório Bimestral de Receitas e Despesas
30/09 Fim do financiamento temporário de gastos nos EUA

Outubro

04/10 Primeiro Turno das Eleições Presidenciais no Brasil
25/10 Segundo Turno das Eleições Presidenciais no Brasil
28/10 Reunião do FOMC para decisão de juros
29/10 Reunião do BCE para decisão de juros

Novembro

03/11 Eleições legislativas nos EUA
04/11 Reunião do Copom para decisão de juros
23/11 Relatório Bimestral de Receitas e Despesas

Dezembro

09/12 Reunião do FOMC para decisão de juros
09/12 Reunião do Copom para decisão de juros
17/12 Reunião do BCE para decisão de juros

DISCLAIMER

A presente Nota Macroeconômica (“Nota”) foi elaborada pelo economista-chefe da Galapagos Capital Investimentos e Participações (“Galapagos”) e não se configura como um relatório de análise para fins de Resolução CVM nº 20, de 25 de fevereiro de 2021. Neste sentido, a Galapagos destaca que a Nota reflete única e exclusivamente as opiniões do economista-chefe em relação ao conteúdo apresentado.

O objetivo meramente informativo da Nota não deverá ser interpretado como uma oferta ou solicitação de oferta para aquisição de valores mobiliários ou a venda de qualquer instrumento financeiro. Este material não leva em consideração os objetivos, planejamento estratégico, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor em particular.

A Galapagos também destaca que as informações contidas na Nota foram obtidas por meio de fontes públicas consideradas seguras e confiáveis na data em que o material foi divulgado. Entretanto, apesar da diligência na obtenção das informações apresentadas, as projeções e estimativas contidas na Nota não devem ser interpretadas como garantia de performance futura pois estão sujeitas a riscos e incertezas que podem ou não se concretizar. Neste sentido, a Galapagos não apresenta nenhuma garantia acerca da confiabilidade, exatidão, integridade ou completude (expressas ou não) dessas mesmas informações abordadas.

A Galapagos não se obriga em publicar qualquer revisão ou atualizar referidas projeções e estimativas frente a eventos ou circunstâncias que venham a ocorrer após a data deste documento. Ademais, ao acessar o presente material, o interessado compreende dos riscos relativos ao cenário macroeconômico abordado nesta Nota.

Por último, a Galapagos e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza por qualquer decisão do investidor que forem tomados com base nas informações aqui divulgadas, nem por ato praticado por profissionais por ele consultados e tampouco pela publicação acidental de informações incorretas. A Galapagos informa que potenciais investidores devem buscar aconselhamento financeiro profissional sobre a adequação do investimento em valores mobiliários ou outros investimentos e estratégias discutidas